

revista portuguesa de arqueologia
vol. **16**
2013

Índice

- 05–26 **Teorías y métodos de la arqueología cognitiva**
Ángel Rivera Arrizabalaga
- 27–61 **O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis (Almeirim, Santarém)**
João Luís Cardoso, António Faustino Carvalho & Juan Francisco Gibaja Bao
- 63–79 **Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas)**
Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira & Ana Maria Silva
- 81–101 **Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal**
Rui Boaventura & Rui Mataloto
- 103–131 **Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório sobre as escavações de 2002**
Michael Kunst, Elena Morán & Rui Parreira
- 133–135 **Magnetic prospecting at Zambujal in 2001: a test for archaeological prospection**
Helmut Becker
- 137–141 **Some notes on a small collection of faunal remains from Zambujal**
Simon Davis
- 143–147 **Datações ¹⁴C do Casal do Zambujal**
Jochen Görtsdorf
- 149–165 **A Idade do Ferro no concelho da Amadora**
Elisa de Sousa
- 167–185 **Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube**
Lídia Fernandes, João Pimenta, Marco Calado & Victor Filipe
- 187–212 **Crónica de onomástica paleo-hispânica (20)**
António Marques de Faria
- 213–226 **A fauna da Idade do Ferro e da Época Romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar**
Cleia Detry & Ana Margarida Arruda
- 227–242 **La emisión RRC 469 de Cneo Pompeyo hijo**
Luís Amela Valverde
- 243–275 **Uma necrópole na praia:
o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)**
Jacinta Bugalhão, Ana Margarida Arruda, Elisa de Sousa & Cidália Duarte
- 277–292 **As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa**
Carolina Grilo
- 293–302 **Apostilas epigráficas – 3**
José d'Encarnação
- 303–321 **Os mausoléus da villa romana de Pisões: a morte no mundo rural romano**
Carlos Pereira, António M. Monge Soares & Rui Monge Soares
- 323–350 **A diarquia sueva: sociedade e poder no regnum dos Quados ocidentais e no Regnum Suevorum (358–585 d.C.)**
José Galazak
- 351–367 **Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística**
Tânia Manuel Casimiro
- 369–381 **Fortificação, espaço conventual, saneamento e circulação na Idade Moderna em Almeida (Guarda): resultados de intervenções arqueológicas**
André Teixeira, Teresa Costa & Luís Serrão Gil
- 383–392 **Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva**
Marco Calado, João Pimenta, Lídia Fernandes & António Marques

* UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; PortAnta, Associação de Arqueologia Ibérica; Município de Odivelas. Email: boaventura.rui@gmail.com

** PortAnta, Associação de Arqueologia Ibérica; Município de Redondo. Email: rmataloto@gmail.com

Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal

Rui Boaventura*
Rui Mataloto**

*"Frail of heart
Renounce your fears
Locked away inside
All these years"*

Dead Can Dance (1985) -
Mesmerism. Spleen and Ideal

Resumo A definição do período em que se desenrolaram as práticas funerárias, comumente designadas como o fenómeno de Megalitismo conduziu à compilação e revisão das datações pelo radiocarbono conhecidas e/ou publicadas para o Sul de Portugal. Graças ao aumento de dados disponíveis, esse inventário permitiu a recolha de datações absolutas provenientes de locais habitacionais temporalmente contemporâneos de vários tipos de sepulcros, bem como destes últimos, normalmente enquadrados em quatro grupos genéricos: grutas naturais, antas, grutas artificiais e tholoi. Para tal são enumeradas algumas das principais questões consideradas para a utilização e valorização de determinadas datas face a outras, nomeadamente a sua natureza e contexto. Com base na informação compilada para povoados e sepulcros, é hoje possível propor novos parâmetros temporais absolutos para o Megalitismo, entre a primeira metade do IV milénio e meados do III milénio a.n.e., ainda que apresentando características passíveis de faseamento cronológico. Portanto, verificando-se aquelas práticas num período mais curto do que aquele que até recentemente alguns autores propunham. Por outro lado, os vários tipos de sepulcros apresentam também eles próprios faseamentos distintos, ainda que em dado momento tenham tido utilizações coevas.

Abstract The study of the period when specific mortuary practices occurred, usually known as Megalithism, led to the gathering and revision of radiocarbon dates related with that phenomenon in the South of Portugal. Thanks to the growth and availability of data, it was possible to gather dates from settlements coeval to the tombs, as well as from the later. These tombs can be grouped by four generic types: natural caves, dolmens, rock cut tombs and tholoi (vaulted chamber tombs). Several reasons are listed to sanction the use of certain dates in detriment of others, namely due to its specific nature and context qualities. Based on the information gathered from settlements and tombs it is today possible to establish a new absolute chronological frame of reference for the phenomenon of Megalithism. This occurred between the first half of the 4th millennium BCE and the middle of the 3rd millennium BCE, although with certain phased characteristics. Therefore, this funerary phenomenon lasted less than some authors have proposed. On the other hand, different types of tombs presented distinct phases of construction and use although at some point most of those types appear to have been used simultaneously.

Introdução¹

Durante os IV e III milénios antes da nossa era (a.n.e.)², as sociedades do actual Sul do território português, à semelhança de outros grupos peninsulares, praticaram “um complexo conjunto de prescrições mágico-religiosas relacionadas com a morte, e não apenas, redutoramente, como um tipo de arquitectura”, denominando-se esse fenómeno por Megalitismo (Leisner, 1965, 1983; Sherratt, 1995; Gonçalves, 1995, 2003a; Boaventura, 2009). Este é perceptível na disposição dos mortos em espaços sepulcrais naturais (grutas e abrigos sob rocha) ou construídos com carácter cavernoso, mais ou menos monumentais e sujeitos a determinados padrões estruturais (antas, grutas artificiais e *tholoi*). Aí, os mortos foram depositados de forma colectiva e essencialmente sequencial, acompanhados por tipos de artefactos frequentemente recorrentes, ainda que alterando-se ao longo do tempo daquelas práticas. Ainda que seja hoje possível, como se discutirá adiante, enquadrar cronologicamente o referido fenómeno entre os dois milénios referidos, tal situação não era/é unânime entre alguns autores peninsulares, que remetem as origens do Megalitismo para o V milénio a.n.e. (Cruz, 1995, 2001; Cruz & alii, 2003; Oosterbeek, 2003a, 2003b).

O espaço geográfico aqui definido baliza-se pelos limites administrativos dos territórios alentejano e algarvio (Fig. 1), excluindo-se a região da Estremadura portuguesa. Os motivos para esta exclusão focam-se, essencialmente, nas reconhecidas diferenças geomorfológicas e de cultura material existentes entre estes territórios, e no facto de terem sido realizados recentemente, para aquela região, trabalhos parcialmente semelhantes ao que pretendemos efectuar para a área agora em estudo (Gonçalves & Sousa, 2006; Boaventura, 2009). Por outro lado, apesar da inclusão do Algarve, temos consciência de que a sua zona costeira tem evidenciado afinidades culturais com as regiões espanholas de Huelva e do Guadalquivir (Morán & Parreira, 2004, 2007), assumindo então um carácter específico face ao restante território.

Apesar da delimitação geográfica referida atrás, faremos porém breves relances sobre a Estremadura e outras áreas, limítrofes ou não, que ajudem a compreender o processo humano que decorreu no Sul de Portugal dentro dos parâmetros crono-culturais assinalados.

Na última década do século passado algumas tentativas de seriação cronológica absoluta, essencialmente de datações pelo radiocarbono (Soares & Cabral, 1984, 1993; Cruz, 1995; Soares, 1999) contribuíram para a consciencialização da necessidade de um programa sistemático daquele tipo de datação, mas devidamente alicerçadas numa avaliação crítica dos contextos e da natureza das matérias orgânicas datadas, questões diversas vezes repetidas (Soares & Cabral, 1984, 1993; Soares, 1999 & 2007; Soares & Dias, 2006; Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009), mas ainda hoje não totalmente interiorizadas por todos os investigadores. Esta consciencialização dos problemas e questões colocados por datações de carvões e ossos humanos e de fauna, bem como da possibilidade de análise de pequenas amostras, tem permitido uma mais apropriada valorização das datações obtidas (Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, no prelo), bem como o seu tratamento estatístico adequado no processo da própria calibração da data obtida (Bayliss & Tyers, 2004; Soares, 2007).

Até ao momento, contamos com cerca de oitenta datações para contextos habitacionais e cerca de sessenta datações para contextos funerários do Sul de Portugal³. Contudo, se a quantidade de datas é importante, também o tipo e qualidade das amostras e os seus contextos tem que ser considerada e relativizada (Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, no prelo), devendo aquelas ser avaliadas quanto à sua real pertinência.

Ao longo deste trabalho, exceptuando os casos devidamente assinalados, todas as datas e seus intervalos de tempo estarão calibrados “cal BCE/CE” com uma probabilidade a 2 sigma (95,4%), resultante do programa de calibração OxCal 4.1.3. (Bronk Ramsey, 2001, 2008a, 2009), que utiliza as curvas de calibração

¹ Este texto baseia-se noutro, originalmente produzido para as actas do 8.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves). Contudo, a incógnita em redor da sua publicação, levou-nos a rever e adicionar informação, de forma a contribuir para o actual debate que o manancial de dados, provenientes dos trabalhos de mitigação de impactos das áreas de Regadio do Alqueva, irá com certeza provocar nos próximos anos.

² Para mais informação acerca desta nomenclatura consultar Boaventura (2009) e Mataloto & Boaventura (2009).

³ Por várias apresentações públicas recentes, sobre novos sítios e dados inéditos, temos consciência que este número de datações rapidamente será superado. Porém, cremos que os novos dados apenas parecem vir reforçar as nossas conclusões gerais.

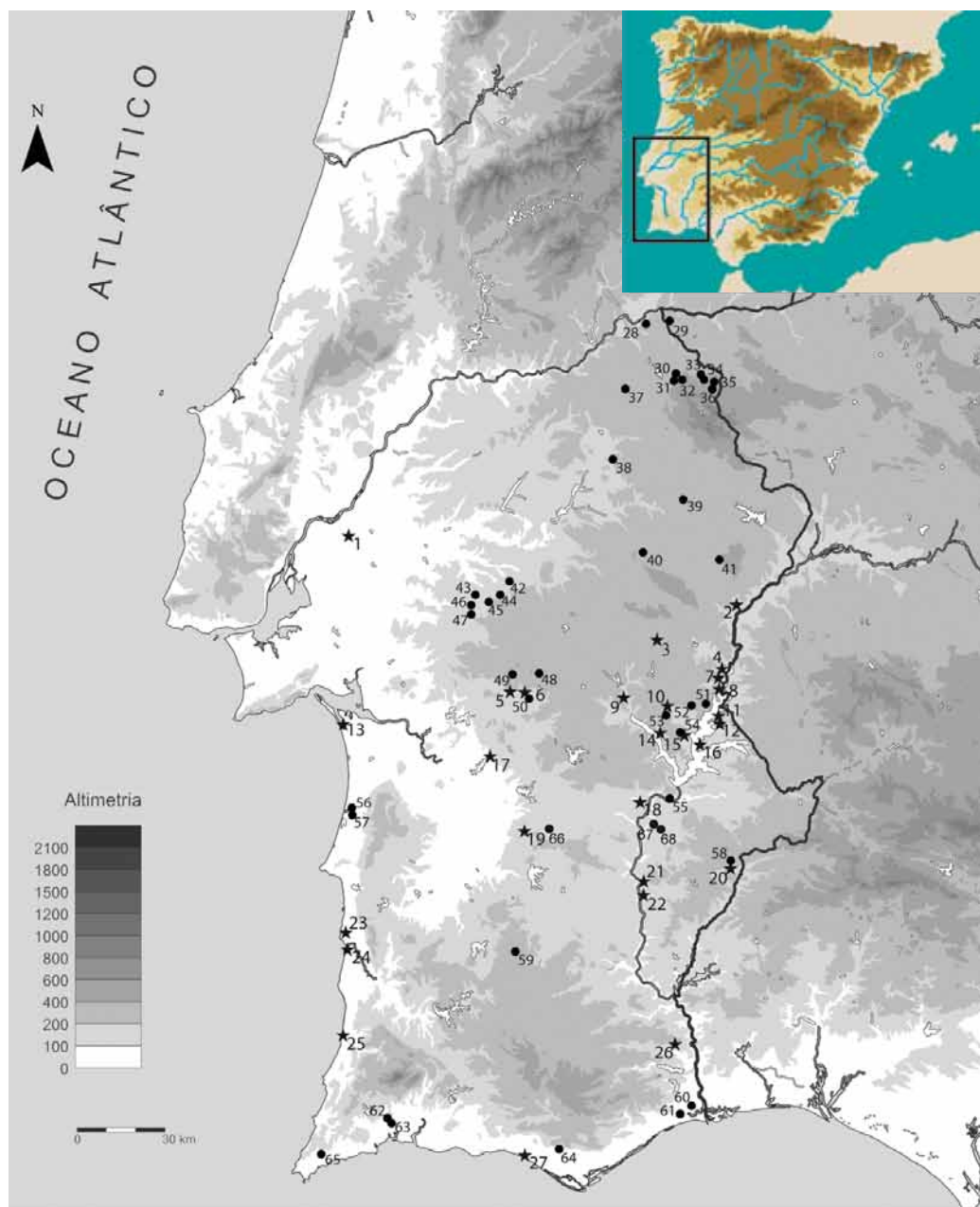


Fig. 1 – Contextos habitacionais e sepulcrais do Sul de Portugal com datações absolutas conhecidas (Mapa adaptado da Carta Hipsométrica de Portugal). Legenda: 1 – Cabeço do Pé da Erra; 2 – Juromenha 1; 3 – São Pedro; 4 – Lameira 2; 5 – Escoural; 6 – Vale de Rodrigo 2 e 3; 7 – Moinho Novo de Baixo; 8 – Miguens 3; 9 – Horta do Albardão 3; 10 – Perdígões; 11 – Porto das Carretas; 12 – Mercador; 13 – Comporta; 14 – Torre do Esporão 3; 15 – Monte Novo dos Albardeiros; 16 – Moinho Valadares; 17 – Monte da Tumba; 18 – Sala N°1; 19 – Porto Torrão; 20 – São Jorge; 21 – Casa Branca 7; 22 – São Brás; 23 – Palheiro Furado; 24 – ETAR Vila Nova de Mil Fontes; 25 – Montes de Baixo; 26 – Santa Justa; 27 – Praia do Forte Novo. 28 – Lomba da Barca 1; 29 – Joaniã; 30 – Coureiros 1; 31 – Coureiros 2; 32 – Coureiros 4; 33 – Castelhana; 34 – Cabeçuda; 35 – Bola da Cera; 36 – Figueira Branca; 37 – São Gens 1; 38 – Horta; 39 – Rabuje 5; 40 – Estremoz 7; 41 – Sobreira 1; 42 – Cabeceira 4; 43 – Cabeça da Areia; 44 – Aldeia de Bertandões 6; 45 – Estanque; 46 – Zambujeiro 4; 47 – Barrocal das Freiras 3; 48 – Anta Grande do Zambujeiro; 49 – Escoural; 50 – Vale de Rodrigo 2 e 3; 51 – Olival da Pega 2; 52 – Santa Margarida 3; 53 – Perdígões; 54 – Cebolinhos 2; 55 – Sobreira de Cima; 56 – Pedra Branca; 57 – Lagar e Cerca do Zambujal; 58 – Monte da Velha 1; 59 – A dos Tassos; 60 – Castro Marim; 61 – Santa Rita; 62 – Monte Canelas; 63 – Alcalar 7; 64 – Algarão da Goldra; 65 – Pedra Escorregadia; 66 – Marquês 15; 67 – Mina das Azenhas 6; 68 – Monte de Cortes 2.

IntCal09 e Marine09 (Reimer & alii, 2009). Para não dilatar a dimensão deste trabalho, apenas apresentaremos as novas datações devidamente calibradas, remetendo as restantes, anteriormente calibradas a 1 e 2 sigma, para as tabelas com as datas convencionais *Before Present* (BP) conhecidas dos sítios habitacionais e funerários aqui discutidos (Boaventura, 2009, vol. 2; Mataloto & Boaventura, 2009).

Além das sistematizações referidas atrás, sob o crivo das cautelas referidas acima, foram efectuadas recentemente algumas compilações e revisões de datações pelo radiocarbono conhecidas e/ou publicadas. Graças ao aumento de dados, esses exercícios permitiram a recolha de datações absolutas provenientes de ocupações habitacionais da Estremadura (Gonçalves & Sousa, 2006) e, por nós, do Alentejo (Mataloto & Boaventura, 2009), bem como de vários tipos de sepulcros do Centro e Sul de Portugal, normalmente enquadrados em quatro grupos genéricos: grutas naturais e abrigos sob rocha, antas, grutas artificiais e *tholoi* (Boaventura, 2009). Recentemente, já depois da apresentação da primeira versão deste trabalho, a publicação das datações absolutas de algumas deposições descobertas na área arqueológica dos Perdigões (CNS-597; Valera, 2008; Valera & Silva, 2011) veio trazer para o debate um provável tipo de deposição funerária desconhecida até ao momento. Contudo, a importância do achado impõe pelo menos um breve comentário, que cremos se deverá aprofundar posteriormente. Assim, enquanto aguardamos pelo alargamento expectável, durante os próximos anos, de novas investigações e resultados, consideramos importante efectuar um ponto de situação acerca dos momentos cronológicos relacionados com o Megalitismo, não só pelos espaços funerários, mas também pelos contextos habitacionais com eles relacionáveis temporalmente (Fig. 1).

Sítios para viver... onde também se morre!⁴

A vida e a morte entrecruzam-se no quotidiano, criando dinâmicas sociais únicas, onde o rito se conforma com o hábito. Todavia, estamos longe

de conseguir ler e perspectivar no tempo, com a minúcia necessária, este quotidiano onde se movimentavam vivos e deslocavam os mortos.

Enquanto desconhecemos as efectivas dinâmicas das ocupações habitacionais e dos sepulcros, com um grau de precisão mais elevado que o que dispomos, estaremos apenas no campo das suposições. Exemplo claro do que aqui afirmamos encontramos no caso das datações obtidas recentemente para os povoados dos Perdigões (Valera & Silva, 2011); enquanto a ocupação de cariz aparentemente habitacional atribuível ao IV milénio a.n.e. se parece cingir, ao menos se atendermos ao que se conhece, a uma área central delimitada por um pequeno fosso (Valera, 2010a), a deposição humana registada numa das fossas escavadas, e datada dos finais do IV milénio a.n.e., encontra-se a cerca de uma centena de metros desta. Assim, o que poderia ser entendido como uma deposição em espaço doméstico, poderá não sê-lo. Outros casos poderíamos citar onde a deposição de restos humanos em contextos habitacionais constituem epifenómenos, bastante separados no tempo (Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009).

Perante estes dados, consideramos ainda pertinente mantermos uma análise separada, mas sempre próxima, entre as dinâmicas funerárias e habitacionais que, na realidade, poderão evidenciar os mesmos ritmos de transformação da sociedade.

Os já referidos trabalhos acerca de contextos habitacionais da Estremadura (Gonçalves & Sousa, 2006) e do Sul de Portugal — Alentejo e Algarve (Mataloto & Boaventura, 2009) — não são totalmente comparáveis pois, o primeiro lidou essencialmente com as questões em torno da passagem do IV para o III milénio a.n.e., com base numa selecção não sistemática de dados cronométricos. Apesar daquela escolha declarada, mesmo que vontade houvesse para recuar nessa sistematização, tal teria sido inglório, dada a quase ausência destas para a Estremadura. De facto, além de algumas datações da área de Torres Novas, no Maciço estremenho, apenas se conhecem umas datações questionáveis de Olelas. É no Alentejo

⁴ Toda a reflexão aqui apresentada em torno das realidades de cariz habitacional baseia-se num trabalho recente (Mataloto & Boaventura, 2009) onde foram reunidas as datas disponíveis até então. Deste modo, para maior detalhe na apresentação das mesmas dever-se-á ter atenção aos dados aí avançados. Novas datações, entretanto publicadas, foram listadas no Quadro 1.

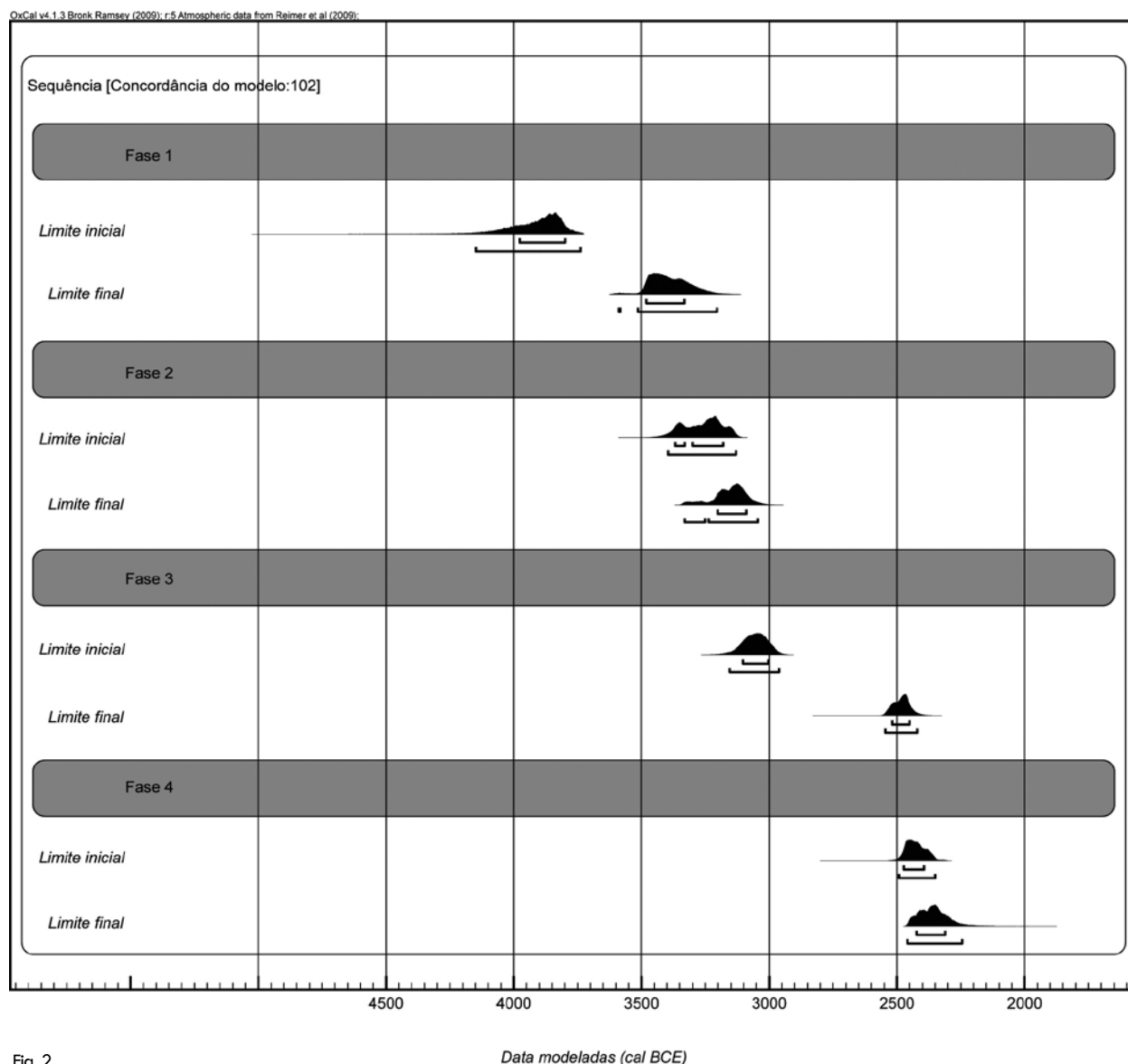


Fig. 2.

que, apesar de escassos, se conhecem por ora os melhores dados para um enquadramento dos primeiros momentos do IV milénio a.n.e. O final do V milénio a.n.e. e sobretudo a primeira metade do seguinte mantêm-se ainda particularmente mal conhecidos no Centro-Sul do actual território nacional, e não só, sendo, todavia, uma fase crucial para a compreensão da profunda transformação que esta área peninsular irá conhecer, principalmente, nos meados e finais do IV milénio a.n.e., respectivamente, com a verdadeira explosão do Megalitismo e do povoamento cercado de fossos. Em trabalho precedente, que em grande medida se enquadra com este, pois encaramos os

espaços de vivos e de mortos enquanto duas faces de uma realidade única e inseparável, tivemos o ensejo de propor, com base num já extenso conjunto de datas provenientes de contextos habitacionais, uma periodização sequencial para o grande “trend” histórico que se desenrola entre os meados do IV milénio a.n.e. e os meados/finais do milénio seguinte (Mataloto & Boaventura, 2009). Cremos que as propostas avançadas anteriormente se mantêm essencialmente operantes, sendo redundante voltarmos a expor aqui quer os dados quer a leitura histórica dos mesmos, pelo que sintetizaremos muito brevemente o faseamento proposto. Este resultou, então, da elaboração de uma sequência

cronológica faseada, baseados no corpus de datações pelo radiocarbono disponíveis para as ocupações domésticas do período abordado. Para tal utilizámos uma das valências do programa de calibração OxCal 4.1.3. (Bronk Ramsey, 2001, 2008a, 2009), estabelecendo um modelo de faseamento sequenciado (Fig. 2;). Acerca desta abordagem, C. Bronk Ramsey (2008b, p. 265) referia:

The other class of radiocarbon study in which Bayesian methods have found their place is those studies in which radiocarbon dates from archaeological phases are analysed together in order to better understand the chronology of regions or cultures. (...) The groupings on which they are based are not from actual stratigraphic information from a specific site; they are based on an interpretation, or a range of possible interpretations, of the regional chronology, and frequently make assumptions about synchronous changes that take place across a region. It is frequently assumed, for example, that particular types of ceramic or bronze artefact come into use and go out of use at particular times. Such changes are, of course, not really events but gradual processes. If the changes take place within a few years, this may not matter, within the resolution of the chronology, but if they take a generation or so, this may be significant. These assumptions are usually, and certainly should be, made explicit in the analysis, and consequently the results of the analysis are contingent on these interpretations being correct. Others might interpret the same information in significantly different ways.

Foram estabelecidas quatro fases para as ocupações domésticas, com base nos conjuntos com maior fiabilidade contextual e correlação com os artefactos significantes, situadas essencialmente no território centro e baixo-alentejano.

- Fase 1 - Caracteriza-se pela presença de recipientes cerâmicos lisos, de tendência

esférica ou em calote, rara decoração além do sulco abaixo do bordo, sendo o conjunto artefactual lítico caracterizado pela existência de geométricos; esta fase é usualmente associada ao dito Neolítico I e II da Comporta, parecendo continuar uma longa tradição anterior de ocupar o território, em povoados abertos de escasso impacto paisagístico, cujas dimensões, e características internas, desconhecemos em larga medida. Esta fase, vindo certamente da primeira metade do IV milénio a.n.e., prolongar-se-ia por boa parte do terceiro quartel do milénio.

- Fase 2 - Esta fase, marcada pela presença de recipientes lisos e carenados, usualmente associada ao dito Neolítico III da Comporta onde se nota, ainda, a total ausência de recipientes com bordos espessados, parece desenvolver-se essencialmente a partir do final do terceiro quartel do IV milénio a.n.e. até à viragem para o milénio seguinte. Esta será a fase, pelo menos de momento, em que se vê emergir estabelecimentos com, ou cercados por, fossos, dando início a uma tendência arquitectónica que durará, talvez, como se verá, algo menos de um milénio.

- Fase 3 - Corresponde ao conjunto com maior número de datas disponíveis. Dadas as limitações das datações conhecidas optámos por destacar, como critério essencial, a presença de recipientes com bordos espessados, mesmo quando também se registam contentores carenados, ainda que misturados naqueles estratos. Outros critérios poderão permitir, no futuro, subdividir esta fase mas, perante os conjuntos actuais, isso torna-se ainda difícil de concretizar, em particular para a primeira metade do III milénio a.n.e. Na realidade, as grandes instalações de fossos surgidas neste momento, seguem basicamente uma tendência anterior, como vimos. Por outro lado, a emergência do povoamento dotado de estruturas perimetrais em pedra, usualmente lidas como fortificações, com os característicos bastiões semicirculares, parece ocorrer, claramente, já dentro do III milénio a.n.e., algures nos meados/finais do primeiro quartel, prolongando-se a sua construção e manutenção, no Sul de Portugal, até aos meados do milénio.

• Fase 4 - O último faseamento proposto utilizou como critério artefactual a presença de cerâmica com decoração campaniforme, o que limitou bastante a amostragem. Assim, com os escassos dados disponíveis é possível registar o aparecimento de cerâmicas com o estilo decorativo campaniforme em meados do III milénio a.n.e., mantendo-se durante o terceiro quartel daquele. Por outro lado, no terceiro quartel todas as ocupações fortificadas parecem estar, ou serem, totalmente abandonadas. A continuidade de utilização dos motivos campaniformes, e a frequência do seu uso, no Sul de Portugal, para o último quartel do III milénio a.n.e., é algo que suscita outras questões, como se observou anteriormente (Mataloto, 2006), a que não será alheio o conjunto de datações registadas no Mercado (CNS-16256), Moinho de Valadares (CNS-16253) ou Monte Novo do Albardeiros (CNS-1602), onde a ausência daquele tipo de cerâmicas poderá indiciar novos modelos organizativos de carácter sociocultural, o que parece ser acompanhado, igualmente, no mundo funerário, como veremos.

Desde o trabalho anterior o panorama das datações disponíveis não se alterou substancialmente, o que esperamos venha a acontecer com as novas descobertas. Assim, como se afirmou, cremos que o modelo apresentado se mantém operante, o que não obsta a que se tenham alguns comentários, que consideramos pertinentes, às novas datas disponíveis, em particular às respeitantes ao terceiro milénio a.n.e.

O panorama das datações referente à primeira metade do III milénio a.n.e. surge principalmente marcado pelas sequências obtidas nas ocupações fortificadas, as quais se encontram, em geral, escassamente documentadas e ainda menos publicadas. Ao invés, as sequências das grandes instalações de fossos, usualmente bastante extensas e complexas, como se deduz facilmente a partir dos Perdígões (Márquez & alii, 2011), surgem-nos bastante mal documentadas do ponto de vista radiométrico. Todavia, o panorama está em rápida transformação, sendo exemplo a sequência dos Perdígões, apresentada recentemente (Valera & Silva, 2011; Valera, 2012).

Como se tem vindo a tentar demonstrar, a transição do IV para o III milénio a.n.e. parece ser marcada por uma profunda transformação das malhas de povoamento, traduzida no abandono de alguns povoados, na emergência ou expansão e consolidação de outros, sem que velhas dinâmicas tenham sido totalmente abandonadas. Não existe ainda disponível qualquer conjunto coerente de datações que explicita com clareza este processo interno de expansão de alguns dos grandes povoados. Todavia, o conjunto de datas e sequências artefactuais obtido nos últimos anos em sítios como os Perdígões (Valera & Silva, 2011; Valera, 2012) ou Porto Torrão, (CNS-2696; Valera, 2010b) parecem documentar um efectivo processo de expansão interna destas grandes ocupações. Estas são das poucas datações disponíveis, no Sul de Portugal, para as grandes ocupações cercadas, que certamente terão desempenhado um papel fulcral de agregação e coordenação do povoamento desde o último quartel do IV milénio a.n.e. até, pelo menos, aos meados do milénio seguinte.

As duas datas mais recentes apresentadas para os Perdígões vêm sustentar, pois, propostas anteriores onde se supunha a expansão da área ocupada a partir de uma zona central, inicialmente ocupada por um complexo arquitectónico composto pelo grande fosso 6, ao qual se associariam, pelo interior, dois menores, os fossos 5 e 12. Justamente da base deste último obteve-se a datação Beta-330092: 4530 ± 40 BP (3370–3090 cal BCE), que acompanha, totalmente, o padrão anteriormente obtido para os fossos de Juromenha 1 (CNS-12221) e São Jorge, CNS-315⁵ (Mataloto & Boaventura, 2009). Já a data Beta-304757: 4390 ± 30 BP (3100–2910 cal BCE), obtida para o topo do enchimento do designado “hipogeu 1”, parece assinalar a transição para o III milénio a.n.e., num momento onde o sistema de fossos anterior estaria já colmatado, ficando por esclarecer se, efectivamente, esta estrutura estaria enquadrada num qualquer novo sistema de fosso, caso do fosso 7, ou não, evidenciando as enormes dificuldades em coordenar no tempo esta impressionante e dinâmica sequência de

⁵ CNS atribuído com a designação “Jardim do Museu de Ficalho”. Outro CNS, 1094, corresponderá também ao mesmo sítio, sob a designação Vila Verde de Ficalho – Igreja de São Jorge/Vila Verde de Ficalho 1.

ocupações. Todavia, uma data não são datas e os complexos processos de enchimento destas estruturas convidam a cautelas redobradas, apesar das leituras artefactuais parecerem acompanhar a proposta para o fosso 6 (Valera, 2010, p. 24).

No conjunto de datas obtidas para os fossos 3 e 4 dos Perdigões fica bem patente a complexidade inerente à tafonomia destes locais, que impõe os já referidos cuidados acrescidos na leitura das diacronias. Na sequência do fosso 4 dos Perdigões esta realidade é bem evidente, com a presença de uma data (Beta-285099), sobre osso de fauna, que entra em clara contradição com a sequência estratigráfica e radiométrica, tornando óbvia a complexidade tafonómica inerente a estes contextos. Por outro lado, para além de processos de enchimento complexos, este tipo de estruturas poderão conhecer períodos longos de uso, sendo datado o arranque do processo de abandono, eventualmente distante no tempo do momento da sua abertura. O caso de Porto Torrão levanta questões semelhantes, sendo igualmente evidente o complexo processo de enchimento dos fossos. Em ambos casos, os fossos datados correspondem, cremos, apenas a um momento específico dentro de uma longa e complexa diacronia de construção e colmatação deste tipo de estruturas que se vão, aparentemente, sucedendo no espaço e tempo.

Fica patente no conjunto de datas disponíveis para estes dois sítios que os meados/terceiro quartel do III milénio a.n.e. correspondem a um momento de colmatação geral destas estruturas, eventualmente na sequência de outros processos internos que conduziram à colmatação e abertura de novos fossos até aos meados do milénio.

No caso dos Perdigões, onde dispomos de uma leitura geral sobre as grandes estruturas de fossos (Valera, 2008, 2010a, 2011), é possível perspectivar que os contextos datados, quer os fossos 3 e 4 tenham ou não sido contemporâneos, indiciam a presença de um momento de aparente expansão da ocupação e do espaço habitado dentro do segundo quartel do III milénio a.n.e., para o fosso 3 (Beta-285096 e

Beta-285098: ambas 2840–2470 cal BCE) e um pouco depois para o fosso 4 (Beta-285097: 2620–2340; e Beta-289264: 2570–2290 cal BCE), face à datação obtida para o fosso 12, apontada acima; todavia, é com grande cautela que se deverão valorizar estas datas na globalidade da sequência do complexo de ocupações do sítio. No entanto, parece claro, como veremos nas restantes ocupações, que até aos meados do milénio ou até algo depois, se continuam a abrir ou manter limpas, amplas estruturas negativas.

Os dados disponíveis de Porto Torrão (Valera, 2006, p. 201) são ainda mais expressivos, remetendo a colmatação do fosso para a segunda metade do III milénio a.n.e., se atendermos principalmente à data Sac-2027 (2470–2130 (94,3%) cal BCE). Todavia, e sempre com a imagem da complexidade disponível para sítios como Perdigões, é completamente impossível valorizar esta sequência e esta estrutura no conjunto do sítio, dada a ausência de uma imagem geral.

Os dados obtidos na intervenção pontual do sítio da Horta do Albardão 3 (CNS-14550; Santos & *alii*, 2009) vêm reforçar esta tendência para a manutenção das estruturas de fossos até momentos adiantados do III milénio a.n.e. Porém, o conjunto de datas disponíveis, obtidas sobre madeira e cortiça carbonizadas, apresenta-se de utilidade limitada, em primeiro lugar pelo elevado desvio-padrão de uma delas (Sac-2287 3730±190 BP – 2840–1630 cal BCE); em segundo lugar, porque a amostra datada Beta-261319: 3990±40 BP (2630–2340 cal BCE), proveniente da C.2, estrato do topo de enchimento do fosso, tem que ser explicada do ponto de vista tafonómico como resultante da mobilização de estratos antigos, na justa medida em que apresenta um intervalo anterior ao apresentado pela data mais fiável obtida no estrato C.5, com que se inicia o enchimento do fosso. Assim, resta-nos apenas esta data Beta-261320 - 3770±40 BP (2340–2030 cal BCE), do estrato C.5, que remete o início do processo de enchimento deste tramo do fosso principalmente para o último quartel do III milénio a.n.e. acentuando a tendência, já verificada em Perdigões e Porto Torrão, para a manutenção

destas estruturas aparentemente activas até bem entrada a segunda metade do milénio.

A imagem geral que começa a transparecer das grandes aglomerações cercadas de fossos é, tal como a que perpassa das estruturas pétreas, de uma realidade estrutural e de planeamento bastante dinâmica e mutável, que não tem apenas que ser aditiva e expansível, mas sim multifacetada, que parece manter-se activa até momentos mais tardios do milénio, com a amortização dos fossos já bem dentro do terceiro quartel do III milénio a.n.e.

Sítios para os mortos... depois de viverem

Primeiramente, importa ressaltar, sobretudo para a região alentejana, o grau de preservação limitado dos restos orgânicos recolhidos em contextos funerários face às centenas de sepulcros escavados ao longo dos séculos XIX, XX e início deste, directamente correlacionável com os substratos rochosos maioritariamente de granitos e xistos.

Quando os espólios recolhidos em sepulcros de regiões mais preservativas, com substratos rochosos calcários, como a Estremadura (utilizada neste trabalho como exercício comparativo) e partes do litoral alentejano e algarvio, ou a área de calcários cristalinos de Estremoz e de Serpa, são comparados com os substratos graníticos e xistosos da região alentejana e alto-algarvia, regista-se uma assimetria pungente que parece ser explicada por essas condições naturais. No entanto, na última década, as escavações efectuadas com maior rigor e alertadas para a importância de novas abordagens, mesmo nos substratos mais ácidos, como os alentejanos, têm permitido uma recuperação frequente de material orgânico, nomeadamente de fragmentos de ossos humanos, cuja mais-valia é hoje amplificada pelas novas técnicas de datação de pequenas quantidades, quando o colagénio ainda se preserva.

Mas tais recuperações de restos osteológicos ocorriam já em escavações oitocentistas e de meados do século 20 que, infelizmente, nem sempre chegaram até nós, como aconteceu com

as escavações do casal Leisner em Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951) ou de Dias de Deus e Abel Viana em Elvas (Boaventura, Ferreira & Silva, neste volume) — exemplos felizes são com certeza os estudos dos restos osteológicos exumados nas escavações de Nery Delgado (Boaventura, Ferreira & Silva, neste volume) ou de Manuel Heleno (Rocha, 2005; Rocha & Duarte, 2009), que permitiram a obtenção de novos dados antropológicos e cronométricos absolutos sobre aqueles.

Quase dois terços das datações de sepulcros alentejanos conhecidos foram realizados sobre carvões, nomeadamente, para antas do Norte alentejano (Oliveira, 1997a, 1997b). Infelizmente, nem sempre os carvões datados foram devidamente identificados ou o seu contexto integralmente percebido e correctamente interpretado, colocando-se sérias dúvidas acerca da real pertinência de algumas delas para o período em estudo (Boaventura, 2009, anexo 3, Quadro 24). Em diversas situações, a datação apresentada remete para momentos *terminus post quem*, desconhecendo-se exactamente o intervalo entre aquele episódio e a realidade arqueológica sepulcral, e para momentos posteriores de reutilizações/intrusões. Porém, algumas daquelas datações são aceitáveis, sobretudo quando avalizadas por datas recentes de outras áreas alentejanas, efectuadas com maior frequência sobre ossos humanos, por vezes bem contextualizados, o que permite uma aproximação mais fidedigna aos momentos de deposições dos indivíduos testados e à diacronia de utilização dos respectivos sepulcros.

Paulatinamente, a louvável e inovadora, para a época, datação por termoluminiscência (TL) de cerâmicas recolhidas em sepulcros de Reguengos de Monsaraz e da Estremadura (Whittle & Arnaud, 1975) tornou-se obsoleta. De facto, as datas então obtidas tiveram um impacto relevante na comunidade científica nacional e internacional (Renfrew, 1976, 1990), de tal forma que, até muito recentemente, e apesar dos largos desvios-padrão (apresentados apenas com 68% de probabilidade, isto é, aproximadamente a 1 sigma) algumas delas continuavam a ser consideradas. É o caso das míticas datas das antas de Poço da Ga-

8	Amostra / Contexto	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data BP	1 σ cal BCE (68,2%)	2 σ cal BCE (95,4%)	Bibliografia
Pedra Branca ICEN-1040	Ossos humanos (1A) do nível II, recolhidos no sector esquerdo da câmara, junto ao esteio 1	-19,70	4620±60	3520–3340 (68,2)	3630–3580 (4,4) 3540–3310 (74,9) 3300–3260 (1,0) 3240–3100 (15,1)	Soares, 2010
Pedra Branca ICEN-1041	Ossos humanos (7) recolhidos no corredor junto ao esteio 7	-20,06	4120±60	2870–2800 (17,7) 2760–2580 (50,4)	2890–2560 (92,0) 2530–2490 (3,4)	Soares, 2010
Anta Grande Zambujeiro Beta-243693	Carvão sem ID, proveniente de fossa (C.2B) na área vestibular associados a lâmina sílex, fragmento cerâmico zoomorfo e ídolos-placa	-22,6	3910±40	2470–2340 (68,2)	2550–2530 (1,0) 2500–2280 (93,3) 2250–2230 (1,1)	Soares & Silva, 2010
Monte da Velha 1 Beta-194027	Ossos cranianos de um indivíduo. Deposição intrusiva na câmara.	-19,4	3900±40	2470–2340 (68,2)	2490–2270 (92,5) 2250–2230 (2,1) 2220–2210 (0,7)	Soares, 2008
Perdigões Beta-289265	Osso humano, pé esquerdo. Sector I, Fossa 7, UE114		4430±40	3310–3230 (14,3) 3110–3000 (42,5) 2990–2930 (11,4)	3340–3210 (26,1) 3190–3150 (4,5) 3130–2920 (64,7)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-289263	Osso humano, mão esquerda. Sector I, Fossa 11, UE76		4370±40	3030–2910 (68,2)	3100–2900 (95,4)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285098	Dente <i>Sus</i> sp. Sector I, Fosso 3, EU99		4050±40	2830–2820 (2,3) 2630–2550 (39,6) 2540–2490 (26,3)	2860–2810 (7,9) 2750–2720 (1,3) 2700–2470 (86,2)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285096	Dente de <i>Bos taurus</i> . Sector I, Fosso 3, EU58		4050±40	2830–2820 (2,3) 2630–2550 (39,6) 2540–2490 (26,3)	2860–2810 (7,9) 2750–2720 (1,3) 2700–2470 (86,2)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285095	Dente carnívoro porte médio. Sector I, Fosso 3, UE38		3980±40	2570–2510 (40,4) 2500–2460 (27,8)	2630–2600 (0,7) 2590–2340 (94,7)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-289264	Osso humano da mão. Sector I, Fosso 4, UE90		3940±40	2550–2530 (27,8) 2490–2400 (46,8) 2390–2340 (17,5)	2570–2510 (13,7) 2500–2290 (81,7)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285097	Dente <i>Cervus elaphus</i> . Sector I, Fosso 4, UE90		3980±40	2570–2510 (40,4) 2500–2460 (27,8)	2620–2600 (0,7) 2590–2340 (94,7)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285099	Dente <i>Sus</i> sp. Sector I, Fosso 4, UE18		4420±40	3270–3240 (5,4) 3100–3000 (43,6) 2990–2930 (19,2)	3330–3210 (19,7) 3180–3150 (2,4) 3130–2910 (73,3)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-285095	Dente humano, dens de axis. Sector Q, Fossa 4, UE74		3990±40	2570–2510 (43,4) 2500–2470 (24,8)	2630–2430 (91,9) 2420–2400 (1,3) 2380–2340 (2,2)	Valera & Silva, 2011
Perdigões Beta-330092	Fauna do fosso 12		4530±40	3360–3320 (16,0) 3280–3260 (1,5) 3240–3110 (50,7)	3370–3090 (95,4)	Valera, 2012
Perdigões Beta-304757	Fauna do "Hipogeu 1"		4390±30	3090–3060 (7,6) 3030–2920 (60,6)	3100–2910 (95,4)	Valera, 2012
Horta do Albardão 3 Sac-2287	Cortiça carbonizada. Fosso C5	-24,6	3730±190	2460–1910 (68,2)	2840–2810 (0,5) 2670–1630 (94,9)	Santos & alii, 2009
Horta do Albardão 3 Beta-261320	Madeira carbonizada. Fosso C5	-23,5	3770±40	2290–2130 (68,2)	2340–2320 (0,8) 2310–2030 (94,6)	Santos & alii, 2009
Horta do Albardão 3 Beta-261319	Cortiça carbonizada. Fosso C2	-25	3990±40	2570–2510 (43,4) 2500–2470 (24,8)	2630–2430 (91,9) 2420–2400 (1,3) 2380–2340 (2,2)	Santos & alii, 2009
Mina das Azenhas 6 Sem ID	Fossa		4590±30	3500–3460 (22,6) 3380–3340 (45,6)	3500–3430 (30,0) 3380–3330 (50,5) 3220–3180 (8,1) 3160–3120 (6,8)	Valera & Filipe, 2012
Monte dos Cortes 2 Sem ID	Osso humano (?) de gruta artificial		4050±40	2630–2560 (39,6) 2540–2490 (28,6)	2840–2810 (4,9) 2670–2470 (90,5)	Valera & Filipe, 2012

Quadro 1.⁶

teira 1, CNS-4031 (OxTL169a - 4510 ± 360 = 4870-4150) e Gorginos 2, CNS-1269 (Ox-TL169b - 4440 ± 360 = 4800-4080), com um pacote artefactual supostamente arcaico e de transição, que se mantinham/mantêm (?) como exemplos da antiguidade de uma fase média do Megalitismo alentejano, recuando portanto, ainda mais, as origens do fenómeno (Joussau-me, 1985; Gonçalves, 1999; Cardoso, 2002; Oosterbeek, 2003a, 2003b; Figueiredo, 2006). Contudo, pelo que se expôs noutra lugar (Boaventura, 2009) e se discute neste trabalho, pensamos que é difícil aceitar hoje aqueles intervalos temporais, reconhecendo-lhes apenas um valor essencialmente historiográfico — um passo na caminhada do conhecimento destas realidades. Isto, apesar do rigor científico do método de datação pela TL, reconhecido por A. M. Soares (1999) na sua revisão de datas disponíveis para os megálitos portugueses. Mas como o próprio também admitia *“as datas obtidas pela Termoluminescência vêm eivadas de um desvio padrão grande (...) o que torna este método pouco recomendável se se quiser obter uma cronologia relativamente fina”* (Soares, 1999, p. 691). Assim, os dados actuais não permitem situar os sepulcros referidos antes da segunda metade do IV milénio a.n.e., e quiçá apenas entre os seus dois últimos quartéis.

O recente exercício efectuado para os sepulcros da Estremadura (Boaventura, 2009), onde se procurou uma correlação entre espólios e datações pelo radiocarbono, permitiu sistematizar e estabelecer um faseamento para o Megalitismo daquela região, então passível de ser alargado e ensaiado também para o Alentejo e Algarve.

A análise de conjunto das datações dos sepulcros da região de Lisboa, e em concreto das antas, colocou as suas utilizações mais antigas entre o segundo e terceiro quartel do IV milénio a.n.e., concomitantes com antas de câmara poligonal e corredor curto, mas com espólios reduzidos de cariz arcaico, sem a presença comprovada de cerâmica e baixos números mínimos de indivíduos (NMI) ali depositados. Paralelamente, esta imagem parece espelhar-se em casos similares de pequenas antas do Alentejo, nomeadamente

dos sepulcros de Cabeceira 4 (CNS-26695), Cabeço da Areia (CNS-26655), Rabuje 5 (CNS-1706) e Sobreira 1 (Boaventura, 2009, Anexo 3, Quadro 24; Boaventura, Ferreira & Silva, no prelo), mas também de outras maiores e similares às de Lisboa, como por exemplo Pedra Branca, CNS-1736 (ver Quadro 1; Soares, 2010), sendo impossível apontar os seus efectivos de NMI dado o deficiente grau de recolha e/ou preservação do material ósseo. Por outro lado, as datações de realidades provavelmente habitacionais sob as mamoadas das antas de Vale Rodrigo 2 e 3 (CNS-622 e 2551) permitiram pelo menos vislumbrar um momento anterior à construção daqueles sepulcros, questão discutida no âmbito habitacional. Há ainda notícias inéditas de novas datações para contextos funerários de grutas artificiais e fossas, sobretudo do Baixo Alentejo, que também parecem reforçar a cronologia do Megalitismo. Contudo, colocam novos desafios interpretativos, nomeadamente para contextos de fossa com deposições individuais, como aqueles detectados em Alto do Outeiro 2 (CNS-31241; Valera & Filipe, 2012) ou Monte do Marquês 15 (CNS-31380; Baptista, 2010).

Ao correlacionar algum espólio como indicador crono-cultural (por exemplo, a presença de geométricos, lâminas delgadas pouco retocadas e utensílios de pedra polida, e a ausência de cerâmica) com deposições datadas antigas, é crível que as primeiras práticas do Megalitismo tenham surgido genericamente na primeira metade do IV milénio a.n.e., inicialmente e sobretudo em cavidades naturais (onde existiam) ou em sepulcros proto-megalíticos⁷, notando-se o aparecimento de antas, entre os meados e a segunda metade desse milénio. Nos diversos sepulcros, nomeadamente antas, obteve-se uma maioria de datações mais recentes, essencialmente da primeira metade do III milénio a.n.e. Isto será talvez resultado do processo acumulativo de deposições funerárias, que originaram uma maior quantidade de ossadas humanas, limitando a probabilidade estatística de teste dos elementos mais antigos, o que só um leque maior de datações e a revisão dos respectivos espólios poderá eventualmente

⁶ Incluem-se aqui apenas as datas que não foram recalibradas, apresentadas e comentadas nos referidos trabalhos anteriores (Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009).

⁷ Conceito infelizmente ainda mal caracterizado cronometricamente de forma absoluta.

verificar, caso a caso. Reforçando esta ideia recorda-se a já referida correspondência entre os sepulcros com datas mais antigas e o número mínimo de indivíduos sepultados na região de Lisboa (Boaventura, 2009). No entanto, a construção de antas ainda na transição para/início do III milénio a.n.e. é uma questão que parece verificar-se nomeadamente nas antas de Santa Margarida 3, Reguengos de Monsaraz (CNS-15279; Gonçalves, 2003b), Estria (CNS-3001; Boaventura, 2009), ou de Santa Rita 2, Algarve (CNS-25317; informação pessoal de Nuno Inácio).

Quando se compara os dados cronológicos disponíveis para as antas da Estremadura e Sul de Portugal e os outros tipos de sepulcros dessas regiões — grutas naturais, grutas artificiais e *tholoi*, alguns aspectos são dignos de realce reforçando, de certa forma, propostas anteriores para a maior antiguidade das deposições em gruta e antas face a grutas artificiais e *tholoi* (Gonçalves, 2003a). No entanto, como veremos adiante, a diferença temporal entre algumas antas e grutas artificiais no Alentejo é bastante reduzida ou inexistente, o que na Estremadura, apesar de indiciado pontualmente, não foi ainda cabalmente demonstrado (Boaventura, 2009).

Apesar da concentração de milhares de sepulcros do tipo anta, sobretudo no Alentejo norte e central (Leisner & Leisner, 1959; Leisner, 1965; Oliveira & Oliveira, 2000; Rocha, 2005), a informação cronológica absoluta é, como se referiu, deveras reduzida. Mesmo assim, é sempre possível elaborar cronologias relativas, essencialmente seguindo a proposta sistematizada pelo casal Leisner (Leisner, 1983), mas agora reforçada pelo cruzamento de dados cronométricos absolutos.

As recentes descobertas de dezenas de grutas artificiais na região do Baixo Alentejo, nomeadamente as de Sobreira de Cima, Vidigueira (Valera, Soares & Coelho, 2008) ou do Monte do Carrascal 2 (CNS-31434), estas últimas em redor do/s povoado/s com fossos de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Valera, 2010b; informação pessoal de M. T. Ferreira e M. J. Neves), entre outros sítios (Valera & Filipe, 2010, 2012; Calvo, Moro & Godinho,

2012), adicionaram novos dados à discussão do Megalitismo do Sul de Portugal. De facto, o prístino e arcaico espólio e o conjunto de datações obtidas para as grutas artificiais de Sobreira de Cima situam aquele conjunto entre meados e a segunda metade do IV milénio a.n.e. (Valera, Soares & Coelho, 2008), coevo de espólios e datações alentejanas de antas já referidas ou de grutas como o Escoural (CNS-160; Soares, 1995; Boaventura, 2009) ou o Lagar, (CNS-3439⁸; Nogueira, 1927; Boaventura, 2009).

Uma avaliação conjuntural da distribuição de antas e grutas artificiais poderia realçar uma distribuição geográfica distinta entre Alto e Baixo Alentejo para aquelas duas tendências de realidades sepulcrais mas, cremos que essa imagem é somente o reflexo do ponto de situação da investigação — à medida que outros estudos incidam as suas abordagens, com maior sistematização, nos subsolos do Alto Alentejo, é provável que aquela imagem surja mitigada, como o caso do sepulcro em negativo do “jazigo de Alcarapinha” (CNS-5617⁹; Viana, 1950), não totalmente compreendido, parece realçar. Porém, no Baixo Alentejo, sobretudo nas áreas dos “barros”, é inquestionável uma ausência significativa de sepulcros ortostáticos. Uma explicação para a antiguidade das grutas artificiais alentejanas face às estremenhas poderia ilustrar-se pela distinção tipológica. E. Rivero Galán (1986, 1988) ensaiou para a “*mitad meridional de la Península Ibérica*” uma classificação das grutas artificiais, estabelecendo os tipos I e II para sepulcros totalmente escavados no substrato rochoso, respectivamente com e sem acessos definidos, e o tipo III para estruturas subterrâneas semi-artificiais, pois utilizariam em parte da sua construção blocos pétreos de diversas dimensões.

Na região de Lisboa, as grutas artificiais melhor conhecidas parecem enquadrar-se genericamente no tipo II, subgrupo 1.B/C, com corredor, entretanto, distinguidas por V. S. Gonçalves (2003a, p. 119) com algumas características particulares: “*um corte longitudinal fornece uma característica imagem de igloo esquimó, visto do interior. Mas os corredores são sinuosos e compreendem por vezes uma antecâmara.*

⁸ Também com outro CNS-7753.

⁹ Apesar de o jazigo pré-histórico se localizar junto à necrópole romana, não é referido na descrição do sítio.

No topo da câmara de algumas grutas artificiais, uma abertura coberta por uma laje permitia a introdução de mais corpos, quando o acesso pelo corredor já não era possível: são as grutas artificiais tipo coelheira” — estas enquadrar-se-iam então no tipo III, de grutas semi-artificiais, o que não invalida que tenham sido originalmente de tipo II.

Entretanto, o *cluster* de grutas artificiais da Sobreira de Cima (Valera & *alii*, 2008) apresentava sepulcros com acesso por poço (Tipo II.1.A), tendo, um deles, um acesso rampado (possível Tipo II.1.B?). Outras grutas artificiais identificadas no Outeiro Alto 2 (Valera & Filipe, 2012), Monte de Cortes 2 (CNS-31248; Calvo, Moro & Godinho, 2012) e Pedreira de Trigaches 2 (CNS-31546; Baptista, 2010), entre outros, apresentam também tipologias similares. Esta diferenciação tipológica local, mas também geográfica, entre o Baixo Alentejo e a Estremadura (mas que poderia aplicar-se para outras regiões), poderia eventualmente marcar uma temporalidade. Porém, apesar das dificuldades em estabelecer cronologias absolutas claras para as grutas artificiais da Estremadura (Boaventura, 2009), a presença de alguns tipos de artefactos naqueles sepulcros, semelhantes aos que se registam nas grutas artificiais do Baixo Alentejo, parece indicar uma preferência tipológica em cada região, condicionada ou não pelo substrato geológico. Outro aspecto que parece realçar-se é a continuidade de utilização nas grutas artificiais estremenhãs por todo o III e parte do II milénio a.n.e., quando nos casos alentejanos os usos funerários limitaram-se sobretudo ao IV milénio a.n.e. (Valera & Filipe, 2012). Este facto poderá explicar-se, em parte, pelo grau de preservação estrutural do sepulcro que o substrato rochoso permitia e da sua visibilidade/invisibilidade no terreno. Porém, curiosamente, apesar de não se registarem frequentes usos continuados das grutas artificiais baixo alentejanas, nas mesmas áreas onde estas foram escavadas, perdurou até o II milénio a tradição de escavação de outras estruturas de cariz negativo, casos de Outeiro Alto 2 e Pedreira de Trigaches 2, por vezes recortando as anteriores (Valera & Filipe, 2010; Baptista, 2010).

As datações disponíveis para os *tholoi* situam-nos clara e essencialmente na primeira metade do III milénio a.n.e., ainda que tal imagem pareça mais evidente na Estremadura. Uma vez mais, as recentes escavações tanto em Perdigões (Duarte, 1998; Valera & *alii*, 2000) como em redor de Porto Torrão (Valera, 2010b) trarão novos dados para a discussão. Contudo, a semelhante técnica de construção destes sepulcros em pedra seca ou com pequenas lajes fincadas, com câmaras de falsa cúpula ou com materiais perecíveis, recorda-nos os povoados amuralhados discutidos acima, também com periodização similar à referida.

Por fim, ainda que a sua interpretação e valorização necessitem de mais dados, as deposições humanas, de carácter colectivo, descobertas na área arqueológica dos Perdigões parecem, quiçá, revelar-nos um outro tipo de estrutura funerária, talvez em fossa. Contudo, a sua classificação como gruta artificial ou semi-artificial, concretamente para a realidade melhor preservada, designada fossa 7, com uma aparente secção troncocónica, não deve ser de imediato descartada, dado o desconhecimento da cota de topo daquelas realidades, cortadas e recortadas ao longo de milénios, inclusive, logo em momentos imediatamente posteriores à sua elaboração. Mas, por ora, sabemos apenas que se detectaram alguns restos de indivíduos em conexão anatómica, decompostos em espaço aberto (Godinho, 2008), depositados em estruturas circulares (de que restavam segmentos destas) entretanto recortadas por outras posteriores (Valera, 2008, 2010a; Valera & Godinho, 2010). As muito úteis e incontornáveis datações pelo radiocarbono efectuadas para dois daqueles indivíduos, permitiram situar as deposições essencialmente no último quartel e transição para o III milénio a.n.e. (Valera & Silva, 2011; vide Quadro 1), colocando-se a possibilidade da existência de outras estruturas similares. Por outro lado, apesar da sua localização dentro da área delimitada por várias linhas de fossos, não é possível ainda asseverar que estas deposições tenham sido efectuadas dentro do espaço habitacional. De acordo com os dados

publicados (Valera, 2008 e 2010a; Valera, 2012), apenas na área central do sector Q (área central), nos já mencionados fossos 6, 5 e 12 parecem enquadrar a ocupação do último quartel do IV milénio a.n.e. e transição para o seguinte.

Face ao exposto atrás, e à compilação das datações conhecidas, actualizou-se um exercício realizado noutra local (Boaventura, 2009), agora apenas para o Sul de Portugal. Partindo do cruzamento das cronologias absolutas disponíveis e da presença e ausência de artefactos “fósseis-directores” nos sepulcros, procuramos sequenciar genericamente algumas das fases associadas ao Megalitismo: uma fase anterior à introdução dos ídolos-placa, outra para o seu uso, e uma última para o período em que estas já não eram produzidas. Estas sequências poderiam também elucidar o momento de transição de uma primeira fase das práticas funerárias com mobiliário essencialmente utilitário, ainda que valorado simbolicamente, para um mobiliário de cariz essencialmente votivo.

Algo que os dados disponíveis não permitiram elucidar ainda é o momento de introdução generalizado de recipientes cerâmicos como artefacto de acompanhamento. De facto, nas deposições mais antigas a ausência de cerâmicas é evidente, bem como a sua presença abundante durante a primeira metade do III milénio a.n.e. Mas é provável que no último quartel do IV milénio a.n.e. a sua presença tivesse sido introduzida ainda com geométricos, pequenas lâminas e pedra polida — nesse sentido parecem apontar os dados das antas de Santa Margarida 2 (CNS-15277) e da Horta, CNS-15587 (Gonçalves, 2001; Oliveira, 2006; Boaventura, 2009), que talvez permitam balizar a temporalidade de Poço da Gateira 1.

As duas datações sobre deposições humanas do sítio de Perdighões não foram utilizadas neste exercício pois, além de alguns restos de ossos de *Sus sp.*, não se recolheu espólio artefactual associado (Valera, 2008, 2010a; Valera & Godinho, 2010). O desconhecimento dos espólios associados à data da gruta artificial de Monte Cortes 2 causaram também

a sua exclusão. Por motivo de uma deficiente apresentação, uma das datações da anta da Horta (Oliveira, 2006) é por ora inútil, pois apenas foi publicado o intervalo calibrado, algures na primeira metade do III milénio a.n.e., sem indicação da data BP e o programa de calibração aplicado. Quiçá um dia surja devidamente apresentada e então seja passível de utilização científica.

Ao efectuar este exercício, estamos cientes de que potenciais assimetrias regionais, condicionadas pelo meio físico e social, poderão estar a ser ignoradas, nomeadamente com regiões vizinhas. Contudo, perante a avaliação realizada anteriormente com a área estremenha, não cremos que essa situação afecte sobremaneira a abordagem proposta (Boaventura, 2009). A existirem assimetrias, pensamos que isso só poderá ser evidenciado com um leque de dados bem mais numeroso, detalhado e de maior qualidade.

O desiderato proposto foi efectuado com o programa de calibração OxCal 4.1.3. (Bronk Ramsey, 2001, 2008a, 2009), estabelecendo um modelo de fases sequenciadas (Fig. 3), à semelhança daquele efectuado para contextos habitacionais (Fig. 2).

Como existem poucas datas conhecidas associadas a contextos claros com a presença de ídolos-placa, e porque em muitos sepulcros os processos acumulativos de deposições funerárias ao longo do tempo não permitem uma des- trinça facilitada, foram estabelecidos alguns critérios para mitigar esses obstáculos:

1. As datações das ocupações anteriores às antas de Vale Rodrigo 2 e 3 foram utilizadas para balizar de alguma forma um momento inicial da sequência, designada Fase 1. As datas sobre carvão Ua-10830 e KIA-31381 (3940–3520 cal BCE e 3940–3700 cal BCE) parecem estabelecer momentos de *termini post quos*, portanto anteriores à construção dos respectivos sepulcros (Larsson, 2000; Armbruster, 2006, 2007).
2. Para a fase 2, “pré-ídolos-placa”, consideramos apenas as datações provenientes de sepulcros onde se registava essencialmente o conjunto mais arcaico, com geométricos, lâminas, instrumentos de pedra polida e raros re-

OxCal v4.1.3 Bronk Ramsey (2009); r:5 Atmospheric data from Reimer et al (2009);

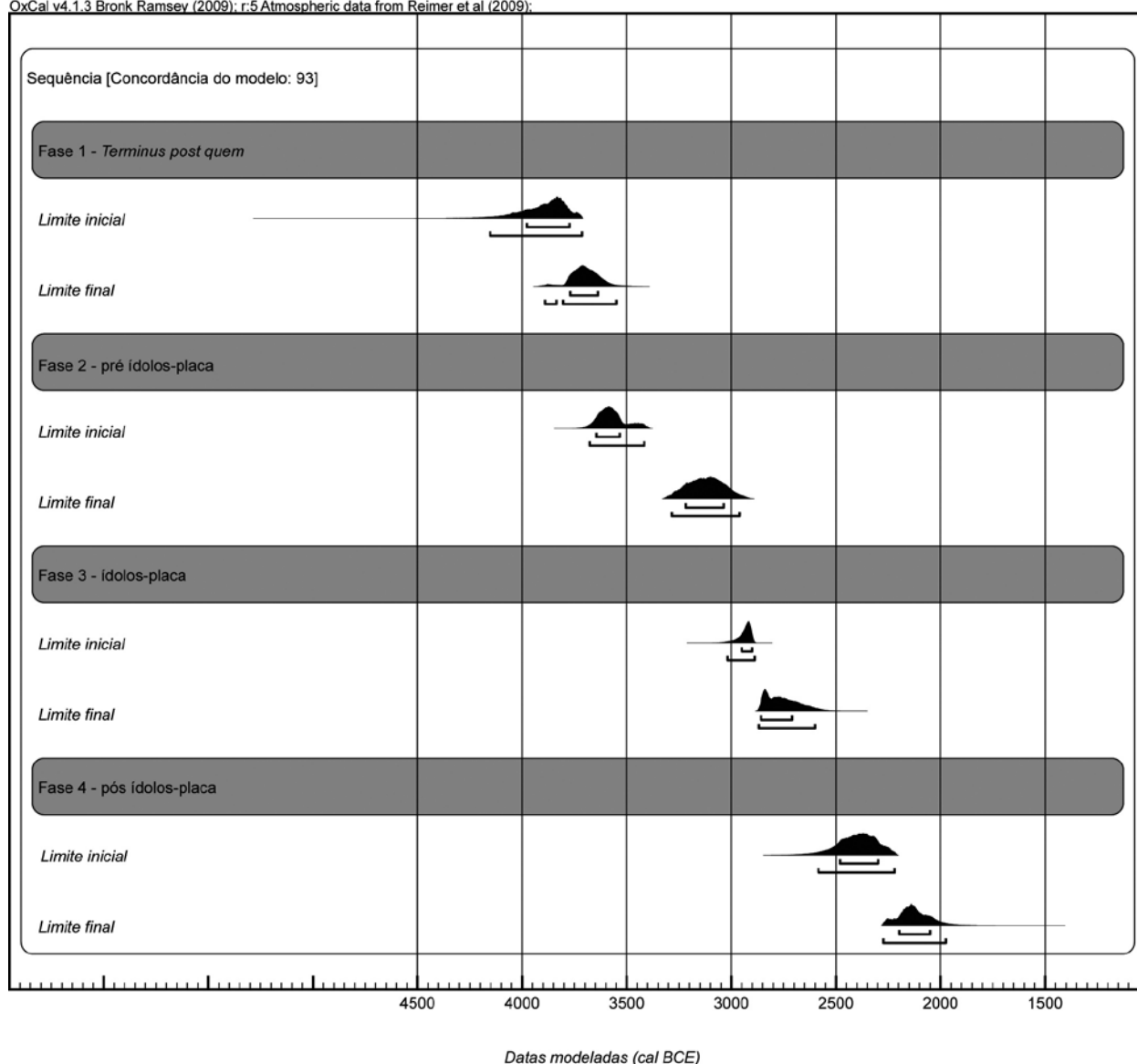


Fig. 3 – Fases sequenciadas dos sepulcros do Sul de Portugal.

recipientes cerâmicos lisos (normalmente globulares), sem a presença de pontas de seta, ídolos-placa e seus variantes, alabardas, lâminas ovóides e lâminas espessas retocadas.

3. Na fase 3, “ídolos-placa”, foram consideradas as datações provenientes de sepulcros onde se encontraram ídolos-placa, pontas de seta, recipientes cerâmicos fechados e abertos, alabardas, lâminas ovóides e grandes lâminas retocadas, normalmente associadas a datações cujo intervalo compreendia essencialmente o III milénio a.n.e. — o melhor exemplo são as datações da anta de Santa Margarida 3, Alentejo, uma delas possivelmente associada a um enter-

ramento com ídolo-placa (Gonçalves, 2003b). Excepcionalmente, foram incluídas as datações provenientes dos povoados do Cabeço do Pé da Erra (CNS-37 e Sala 1 (CNS-3346), onde contextos associados a ídolos-placa foram datados (Gonçalves, 2006).

4. Uma fase 4, ainda pouco clara, parece ter ocorrido já num período em que vários sepulcros parecem ter sido encerrados ou com reutilizações onde a cultura material associada se mantém pouco legível, mas aparentemente sem uma relação directa com as práticas funerárias que deram origem e mantiveram o uso daquelas estruturas. Além de algumas datações de

Santa Margarida 3, incluíram-se as datas de Vale Rodrigo 2 (Ua-10831, 2580–2140 cal BCE) sobre carvão incluso num momento em que a passagem daquela anta terá sido bloqueada (Larsson, 2000) e da anta Grande do Zambujeiro (CNS-62), sobre um carvão recolhido numa fossa defronte do acesso, onde terá sido despejado espólio funerário possivelmente do sepulcro (Soares & Silva, 2010). Finalmente, a datação da reutilização funerária do *tholos* de Monte da Velha 1 (CNS-12176), caracterizada como “Horizonte de Ferradeira” (Soares, 2008), foi também incluída.

Da região do Algarve incluiu-se ainda a datação sobre carvão de *Pistacia lentiscus* (aroeira), da estrutura de combustão localizada sob um lajeado entretanto adicionado defronte da fachada do *tholos* de Alcalar 7 (CNS-11303; Morán & Parreira, 2004) — o interesse desta data é duplo: por um lado, por situar uma acção defronte do sepulcro, depois deste já construído e, por outro, porque sob a estrutura tumular deste *tholos*, foram recolhidos dois fragmentos de cerâmica campaniforme, o que poderá datar a sua construção e utilização num período relativamente curto, se assumirmos alguma antiguidade para a introdução daquele tipo de cerâmica, algures em meados do III milénio a.n.e. (Boaventura, 2009). De qualquer forma, julgamos ser de valorizar o papel marginal, e por vezes tardio, na segunda metade do III milénio a.n.e., das decorações campaniformes em contextos funerários construídos nos séculos anteriores.

A sequência aplicada às datações disponíveis e putativas associações a determinados tipos de espólios recolhidos nos sepulcros do Sul de Portugal, parece reforçar as leituras pontuais realizadas acima por tipo de sepulcro. Assim, é possível verificar a emergência e a generalização do Megalitismo pelo menos desde o segundo quartel do IV milénio a.n.e., ou mais apropriadamente os meados do milénio. Esta fase, onde essencialmente se conhecem espólios utilitários, teria perdurado até aos meados do último quartel deste milénio, quando se nota a afirmação de um conjunto de novos artefactos funerários, nomeadamente os ídolos-placa e as pontas de seta. Assim, é

nesses últimos séculos do IV e em transição para o III milénio a.n.e. que se verifica a introdução de um pacote artefactual mais ideotécnico. Se no caso da Estremadura foi possível utilizar os artefactos votivos de calcário para o estabelecimento de uma outra fase de artefactos ideotécnicos, para além dos ídolos-placa, a evidência arqueológica alentejana é, por ora, insuficiente para tal desígnio. Contudo, o modelo de faseamento proposto para Lisboa ao agrupar essas datas sobretudo no segundo quartel do III milénio a.n.e., parece coincidir de alguma forma com as datas disponíveis para os *tholoi* (Boaventura, 2009), o que poderá também ocorrer para os sepulcros do tipo *tholos* dos Perdigões.

A inclusão das três datas de Vale Rodrigo 2 e 3, de momentos anteriores e uma outra do encerramento da primeira anta, permitiram balizar as fases artefactuais propostas, nomeadamente face a momento anterior à fase de pré-utilização de ídolos-placa, bem como a outro posterior ao uso generalizado de ídolos-placa. O facto de estes momentos inicial e final se limitarem a quatro datas explicará os respectivos largos espectros obtidos.

A inclusão na fase 4 do modelo de outras datas relacionadas com momentos de reutilizações posteriores às práticas funerárias do Megalitismo permitiu, mesmo assim, acentuar os contornos diversificados do final daquele fenómeno. Torna-se também interessante verificar que a proposta para o final do que se entende como Megalitismo, se adequa genericamente com os intervalos conhecidos para o aparecimento de cerâmicas com formato e decoração campaniformes, mas uma vez mais necessitamos mais dados para uma melhor compreensão deste fenómeno no Sul de Portugal.

Ainda que sendo exemplos geograficamente distintos, do extremo nordeste da Meseta espanhola, julgo que os casos dos sepulcros de Longar (Armendáriz & Irigaray, 1993–1994) e San Juan Ante Portam Latinam (Vegas, 2007), parecem reforçar a introdução das pontas de seta nos últimos séculos do IV milénio a.n.e., princípio do seguinte (Boaventura, 2009, Quadro 35), registando-se ferimentos, alguns mortais, com aqueles artefactos cravados em ossos

de diversos indivíduos. Em ambos os casos os geométricos encontram-se ausentes (Armendáriz & Irigaray, 1993–1994; Vegas, 2007).

É de realçar a semelhança do Sul de Portugal com a Estremadura para o final genérico da fase com ídolos-placa, que só será possível compreender melhor quando se obtiverem datações para sepulcros com espólio presumivelmente mais tardio, como por exemplo de Perdigões, com reduzido número de ídolos-placa (alguns aparentemente reaproveitados) e artefactos votivos de calcário (Lago & *alii*, 1998), que putativamente se poderia situar genericamente no segundo quartel do III milénio a.n.e. à semelhança do que parece ocorrer na Estremadura (Boaventura, 2009).

Portanto, com o exercício apresentado acima procuramos estabelecer cronologicamente um provável faseamento para aspectos artefactuais do Megalitismo funerário das regiões do Sul de Portugal, face aos dados que se conhecem actualmente. Haja mais e melhores datações, bem contextualizadas, e julgamos que melhores e mais afinados modelos serão possíveis. Aliás o exercício realizado anteriormente (Boaventura, 2009) foi agora actualizado com mais algumas datações, que reforçaram a tendência anterior. Mas outros objectivos poderão ser alcançados — por exemplo, distinguindo, dentro do primeiro faseamento (mais arcaico), os momentos relacionados com espólios acerâmicos daqueles associados a conjuntos como Poço da Gateira 1, já com cerâmicas. Aliás, na sequência das dúvidas colocadas *supra*, os dados disponíveis não permitem hoje situar as práticas realizadas nesse sepulcro se não na segunda metade do IV milénio a.n.e., quiçá no último quartel deste.

Reunindo espaços de vivos e mortos

Ainda que por motivos de abordagem deste trabalho se tenha discutido de forma dicotómica os contextos habitacionais e sepulcrais, opção também seguida anteriormente (Boaventura, 2009; Mataloto & Boaventura, 2009), temos consciência de que estes espaços se complementariam. Inclusive, que para as po-

pulações destes períodos do Sul de Portugal, e peninsulares, tal dicotomia mental não existiria. Contudo, os dados arqueológicos disponíveis para o IV milénio e primeiros séculos do III milénio a.n.e. permitem verificar uma separação física entre os espaços de habitação e de deposição dos mortos. Até ao momento, nos casos onde tal mistura parece ocorrer, estes relacionam-se com uma fase em que as práticas do Megalitismo começavam a declinar. Parece ser esse o caso dos restos humanos recolhidos nos fossos 3 e 4 dos Perdigões, em meados e terceiro quartel do III milénio a.n.e, inclusive cortando sepulcros anteriores por estruturas de cariz habitacional (Valera, 2008, 2010a; Valera & Silva, 2011).

A multiplicação e diversificação dos contentores funerários que parece ocorrer ao longo destes dois milénios, evidenciam velhas questões, mas também provocam a emergência de novas, relacionadas com a origem social e/ou cultural desta diversidade estrutural, que só poderão ser melhor compreendidas com a efectiva seriação cronológica fina, apenas conseguida com o aumento do número de datações bem definidas, em geral, e por sepulcro em particular.

Por outro lado, num momento onde a morte é, cada vez mais, entendida nas dinâmicas do quotidiano, e essencial para compreender a complexidade da estruturação dos espaços habitacionais, notamos ainda uma enorme carência de cruzamento de dados entre as dinâmicas locais do povoamento e a estruturação das necrópoles, essencial para a correcta percepção do espaço e território destas comunidades.

Algo que continua a clamar por dados é com certeza a visibilidade do povoamento durante quase todo o IV milénio a.n.e. pois, com base nos dados arqueológicos disponíveis, este é apenas detectável com maior destaque na sua segunda metade e essencialmente no último quartel com estabelecimentos de fossos. E daí em diante mantém-se bastante visível no registo arqueológico até os meados e, eventualmente, o terceiro quartel do III milénio a.n.e. Uma vez mais o estado da arte é com certeza parte da equação.

A referida discrição dos espaços habitacionais parece, então, contrastar com a emergência

dos espaços funerários escolhidos ou construídos para uso colectivo e consecutivo, datados a partir do segundo quartel do IV milénio a.n.e. De facto, perante os dados conhecidos é possível admitir que o primeiro grande investimento daqueles grupos terá sido em edifícios funerários e a todas as práticas mortuárias associadas. Só séculos mais tarde esse investimento parece desdobrar-se entre os espaços sepulcrais e os próprios locais de habitação, mais ou menos sedentários, mesmo se admitirmos que alguns deles terão funcionado como pontos de agregação para determinados períodos de tempo nos ciclos de vida e morte daquelas comunidades.

Em geral, cremos que os dados que conseguimos reunir até ao momento permitem afirmar que o “grande milénio” que decorre grosso modo entre meados do IV e meados do III

milénio a.n.e. representa um enorme *trend* de crescimento e complexificação das comunidades do Sul do actual território português, perceptível na emergência e consolidação de uma arquitectura funerária colectiva, e por vezes monumental, de raiz comunitária, a par do que parece ser um enorme crescimento populacional, que conduziu à agregação, mesmo que pontual, de grandes grupos humanos, geradores de arquitecturas complexas de pedra e/ou de terra e madeira. A partir de meados do III milénio a.n.e. toda esta forma de estruturar o território e honrar os mortos parece entrar em colapso, ficando uma vã memória do passado, exaltada na continuidade de utilização de monumentos construídos há muito, num sentido que entendemos de clara necessidade de afirmação identitária.

Agradecimentos

A A. Monge Soares por ter sido o catalizador deste trabalho. A Maria José Gonçalves e ao Município de Silves por possibilitarem a nossa participação no Encontro de Arqueologia, que provocou a produção deste texto.

Bibliografia citada

ARMBRUESTER, Tanya (2006) - Before the monument? Ceramics with a line below the rim (A preliminary report from Vale de Rodrigo 3, Évora). In *Simbolismo, arte e espaços sagrados na Pré-História da Península Ibérica: actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 53–67.

ARMBRUESTER, Tanya (2007) - Technology neglected? A painted ceramic fragment from the dated Middle Neolithic site of Vale Rodrigo 3. *Vipasca*. Aljustrel. 2.ª série. 2, pp. 83–94.

ARMENDÁRIZ MARTIJA, Javier; IRIGARAY SOTO, Susana (1993–1994) - Resumen de las excavaciones arqueológicas en el hipogeo de Longar (Viana, Navarra). 1991–1993. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 11, pp. 270–275.

BAPTISTA, Lúcia (2010) - The Late Prehistory in the watershed of the ribeiras of Pisão and Álamo (Beja, South Portugal): a research programme. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 13, pp. 69–84.

BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

BOAVENTURA, Rui; FERREIRA, Maria Teresa; SILVA, Ana Maria (2013) - Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16.

BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui (no prelo) - Apontamentos para a cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. In *8.º Encontro de Arqueologia do Algarve: a Arqueologia e as outras ciências*. Silves: Câmara Municipal de Silves.

BRONK RAMSEY, Christopher (2001) - Development of the radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. Tucson. AZ. 43, pp. 355–363. OxCal 4.1, Last Updated: 15/01/2010. < <http://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html> >.

BRONK RAMSEY, Christopher (2008a) - Deposition models for chronological records. *Quaternary Science Reviews*. Amsterdam. 27, pp. 42–60. OxCal 4.1, Last Updated: 15/01/2010. < <http://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html> >.

- BRONK RAMSEY, Christopher (2008b) - Radiocarbon dating: revolution in understanding. *Archaeometry*. Oxford. 50:2, pp. 249–275.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2009) - Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*. Tucson. AZ. 51:1, pp. 337–360.
- CALVO RODRÍGUEZ, Ever; MORO BERRAQUERO, Francisco Xavier; GODINHO, Rui (2012) - Intervenciones arqueológicas en el yacimiento arqueológico de Monte dos Cortes. In *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 85–97.
- CARDOSO, João Luís (2002) - *Pré-História de Portugal*. [s.l.]: Verbo.
- CRUZ, Domingos J. (1995) - Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste Peninsular e Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, pp. 81–119.
- CRUZ, Domingos J. (2001) - O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente. Dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 Vol.
- CRUZ, Domingos J.; LÓPEZ SÁEZ, José Antonio; CANHA, Alexandre L.; MENDES, Sílvia Loureiro; VALINHO, Alexandre; VIEIRA, Marina Afonso (2003) - Projecto “O Alto Paiva: Sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-História Recente à Alta Idade Média”: Relatório final (1998–2002). Coimbra. Policopiado. Acessível no arquivo do IGESPAR. Proc. 98/1(762), vol. 2.
- DUARTE, Cidália (1998) - Gestão do espaço funerário no Monumento Funerário 1 dos Perdígões: dados da análise osteológica. In LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino (1998) - Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 1:1, pp. 75–79.
- FIGUEIREDO, Alexandra (2006) - Complexo megalítico de Rego da Murta (Rego da Murta, Alvaiázere) no contexto da Pré-História Recente do Alto Ribatejo (V–II milénio a.C.): problemáticas e interrogações. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ficheiro PDF.
- GODINHO, Rui (2008) - Deposições funerárias em fossa nos Perdígões: Dados antropológicos do sector I. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA, 5, pp. 29–34. Revista em linha: www.nia-era.org
- GONÇALVES, Victor S. (1995) - Sítios, “horizontes” e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor S. (1999) - Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, Victor S. (2001) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 115–206.
- GONÇALVES, Victor S. (2003a) - Sítios, “horizontes” e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas. 2ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor S. (2003b) - STAM-3, a anta 3 da herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2006) - Quelques questions autour du temps, de l'espace et des symboles mégalithiques du centre et sud du Portugal. In JOUSSAUME, Roger; LAPORTE, Luc; SCARRE, Chris, eds. - *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe (Bougon, 26–30 octobre 2002)*. Bougon: Conseil général des Deux-Sèvres/Musée des Tumulus de Bougon, vol. 1, pp. 485–510.
- GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina (2006) - Algumas breves reflexões sobre quatro datas ¹⁴C para o Castro da Rotura no contexto do terceiro milénio a.n.e. nas penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª serie. 24, pp. 233–266.
- JOUSSAUME, Roger (1985) - *Des dolmens pour les morts*. Paris: Hachette.
- LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António Carlos; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino de (1998) - Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45–151.
- LARSSON, Lars (2000) - Symbols in stone: ritual activities and petrified traditions. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, vol. 3, pp. 445–458.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, Vera (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, Vera (1983) - As diferentes fases do Neolítico em Portugal. *Arqueologia*. Porto. 7, pp. 7–15.
- MÁRQUEZ ROMERO, José Enrique; VALERA, António Carlos; BECKER, Helmut; JIMÉNEZ JÁIMEZ, Víctor; SUÁREZ PADILLA, José (2011) - El Complejo Arqueológico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): prospecciones geofísicas – campañas 2008–09. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 68:1, pp. 175–186.

- MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) - Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31–77.
- MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2004) - *Alcalar 7: estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: IPPAR.
- MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2007) - *Alcalar monumentos megalíticos*. Lisboa: IGESPAR.
- NOGUEIRA, Augusto de Melo (1927) - Estação neolítica de Melides: grutas sepulcrais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 16, pp. 41–49.
- OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge (2000) - Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vila Real: Actas: Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Porto: ADECAP, Vol. 3, pp. 459–471.
- OLIVEIRA, Jorge (1997a) - Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever. In II Congreso de Arqueologia Peninsular: Neolítico, Calcolítico y Bronce. Zamora, 24 a 27 de septiembre de 1996. Vol. 2, Zamora: Fundación Rei afonso Henriques, pp. 229–239.
- OLIVEIRA, Jorge (1997b) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. *Ibn Marwan*. Lisboa. Edição Especial. Com versão simultânea em Espanhol.
- OLIVEIRA, Jorge (2006) - *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. [Évora]: Colibri.
- OOSTERBEEK, Luiz (2003a) - Megaliths in Portugal: the western network revisited. In BURENHULT, Göran; WESTERGAARD, Susanne, eds. - *Stones and bones: formal disposal of the dead in Atlantic Europe during the Mesolithic-Neolithic interface 6000–3000 BC: archaeological conference in honour of the late Professor J. O'Kelly, 2002, Sligo, Ireland*. Oxford: Archaeopress, pp. 27–37.
- OOSTERBEEK, Luiz (2003b) - Problems of Megalithic chronology in Portugal. In BURENHULT, Göran; WESTERGAARD, Susanne, eds. - *Stones and bones: formal disposal of the dead in Atlantic Europe during the Mesolithic-Neolithic interface 6000–3000 BC: archaeological conference in honour of the late Professor J. O'Kelly, 2002, Sligo, Ireland*. Oxford: Archaeopress, pp. 83–86.
- REIMER, Paula J.; BAILLIE, Mike G. L.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BERTRAND, Chanda J. H.; BLACKWELL, Paul G.; BRONK RAMSEY, Christopher; BUCK, Caitlin E.; BURR, George S.; EDWARDS, R. Laurence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERSON, Thomas P.; HAJDAS, Irka; HEATON, Timothy J.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KAISER, Klaus Felix; KROMER, Bernd; McCORMAC, F. Gerry; MANNING, Sturt W.; REIMER, Ron W.; RICHARDS, David A.; SOUTHON, John R.; TALAMO, Sahrá; TURNEY, Chris S.; VAN DER PLICHT, Johannes; WEYHENMEYER, Constanze E. (2009) - IntCal09 and Marine09 radiocarbon age calibration curves, 0–50,000 years cal BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 51:4, pp. 1111–1150.
- RENFREW, Colin (1976) - Megaliths, territories and populations. In DE LAET, Sigfried J., ed. - *Acculturation and continuity in Atlantic Europe mainly during the Neolithic period and the Bronze Age: IV Atlantic Colloquium, Ghent, 1975*. Bruges: De Tempel, pp. 198–220.
- RENFREW, Colin (1990) - *Before civilisation: the radiocarbon revolution and prehistoric Europe*. London: Penguin.
- RIVERO GALÁN, Encarnación (1986) - Ensayo tipológico en los enterramientos colectivos denominados Cuevas Artificiales de la mitad meridional de la Península Ibérica. *Habis*. Sevilla. 17, pp. 371–402.
- RIVERO GALÁN, Encarnación (1988) - *Análisis de las cuevas artificiales en Andalucía y Portugal*. Sevilla: Universidad.
- ROCHA, Leonor (2005) - *Origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de Doutoramento em História (Arqueologia). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Texto Policopiado.
- ROCHA, Leonor; DUARTE, Cidália (2009) - Megalitismo funerário no Alentejo Central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In Polo Cerdá, Manuel; García Prósper, Elisa, eds. - *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado. Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología. Morella (Castelló), 26–29 septiembre de 2007*. Valencia: Grupo Paleolab; Sociedad Española de Paleopatología, pp. 763–781.
- SANTOS, Filipe; SOARES, António Monge; RODRIGUES, Zélia; QUEIROZ, Paula; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima (2009) - A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-história recente, com fosso e fossas, na encosta do Albardão (S. Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, pp. 53–71.
- SHERATT, Andrew (1995) - Instruments of conversion? The role of megaliths in the Mesolithic/Neolithic transition in northwest Europe. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 14:3, pp. 245–260.
- SOARES, António Monge (1995) - Datação absoluta da necrópole “neolítica” da Gruta do Escoural. In ARAÚJO, Ana Cristina; LEJEUNE, Marylise - *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR, pp. 111–119.
- SOARES, António Monge (1999) - Megalitismo e cronologia absoluta. In II Congreso de Arqueología Peninsular. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, vol. 3, pp. 689–706.
- SOARES, António Monge (2007) - 25 anos de mudança na Arqueologia portuguesa: O contributo do Radiocarbono. *Al-Madan*. Almada. 2.ª série. 15, pp. 110–112.

- SOARES, António Monge (2008) - O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 33–51.
- SOARES, António Monge; CABRAL, João Manuel Peixoto (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 2, pp. 167–214.
- SOARES, António Monge; CABRAL, João Manuel Peixoto (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3–4, pp. 217–235.
- SOARES, António Monge; DIAS, J. Manuel Alveirinho (2006) - Coastal Upwelling and Radiocarbon. Evidence for temporal fluctuations in ocean reservoir effect off Portugal during the Holocene. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 48:1, pp. 45–60.
- SOARES, Joaquina (2010) - Dólmen da Pedra Branc: datas radiométricas. *Musa*. Setúbal. 3, pp. 70–82.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares (2010) - Anta Grande do Zambujeiro, arquitectura e poder: intervenção arqueológica do MAEDS, 1985–87. *Musa*. Setúbal. 3, pp. 83–129.
- VALERA, António Carlos (2006) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio aC. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 136–210.
- VALERA, António Carlos (2008) - Recinto calcolítico dos Perdigoês: fossos e fossas do sector I. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 19–27 < www.nia-era.org >.
- VALERA, António Carlos (2010a) - Construção da temporalidade dos perdigoês: contextos neolíticos na área central. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 19–26 < <http://www.nia-era.org> >.
- VALERA, António Carlos (2010b) - Gestão da morte no III milénio a.C. no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 57–62 < www.nia-era.org >.
- VALERA, António Carlos (2012) - “Ídolos almerienses” provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigoês. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA, 8, pp. 19–28 < www.nia-era.org >.
- VALERA, António Carlos; FILIPE, Victor (2010) - Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 29–39. < <http://www.nia-era.org> >.
- VALERA, António Carlos; FILIPE, Victor (2012) - A necrópole de hipogeus do Neolítico final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 8, pp. 29–41 < <http://www.nia-era.org> >.
- VALERA, António Carlos; GODINHO, Ricardo (2010) - Ossos humanos provenientes dos fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdigoês. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa., 6, pp. 29–39 < <http://www.nia-era.org> >.
- VALERA, António Carlos; LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigoês: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 84–105.
- VALERA, António Carlos; SILVA, Ana Maria (2011) - Datações de radiocarbono para os Perdigoês (I): Contextos com restos humanos nos sectores I & Q. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 7, pp. 7–14 < www.nia-era.org >.
- VALERA, António Carlos; SOARES, António Monge; COELHO, M. (2008) - Primeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da [Sobreira] de Cima (Vidigueira, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 2, pp. 27–30 < <http://www.nia-era.org> >.
- VEGAS ARAMBURU, José Ignacio, ed. (2007) - *San Juan Ante Portam Latinam: una inhumación colectiva prehistórica en el valle medio del Ebro: memoria de las excavaciones arqueológicas, 1985, 1990 y 1991*. Vitoria-Gasteiz: Disputación Foral de Álava.
- VIANA, Abel (1950) - Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12:3–4, pp. 289–322.
- WHITTLE, Elizabeth H.; ARNAUD, José Morais (1975) - Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal. *Archaeometry*. Oxford. 17:1, pp. 5–24.